

ESFORÇO E TENTATIVA DE UM REGRESSO À DIMENSÃO ORIGINÁRIA GRECO-ROMANA

Roberto de Amorim Almeida

I) INTRODUÇÃO

Intitulamos propositalmente este estudo: "Esforço e tentativa de um regresso à dimensão originária greco-romana" porque, nada caracteriza mais o pensador Karl Loewith que esta expressão regressar (Rueckgehen) em relação à problemática da dimensão originária no contexto da história do pensar ocidental. (1) Esta expressão, no entanto, não foi escolhida assim à revelia, mas nos diz literalmente como foi decisiva a influência exercida por parte de Martin Heidegger sobre seu discípulo Karl Loewith. (2)

Podemos também revelar a posição loewitheana, com relação à dimensão originária, através da controvérsia existente entre Karl Loewith e seu antigo mestre Martin Heidegger, Loewith tenta regressar a uma dimensão denominada greco-romana, ou melhor, cíclica, que significaria, antes de tudo, a infinita totalidade de um eterno repetir, negando assim todo um modo de pensar, o pensar escatológico, em suma, o pensar da tradição judaico-cristã, segundo ele fundamentalmente relativo e subjetivo. (3)

Heidegger, ao contrário, aspira regressar à dimensão originária do mundo pré-so-

crático, não somente para superar uma determinada maneira de pensar, o pensar diferencial, mediativo, mas também para superar a dimensão que a este corresponde, isto é, uma dimensão que significaria, antes de tudo, o esquecimento do que quer dizer, origem, mais precisamente, da dimensão do pensar post-socrático, da tradição metafísica.

Tanto em Karl Loewith como em Martin Heidegger se encontram deste modo semelhanças fundamentais. Ambos vêm a história do pensamento ocidental, ou pelo menos parte desta, como a história de uma decadência. Isto é, ambos procuram, através de radical negação da tradição judaico-cristã ou através da superação da tradição metafísica, regressar à dimensão originária.

Deve-se dizer porém que Karl Loewith entende a apreensão desta dimensão de uma maneira mais **direta**, mais **mediata** que Martin Heidegger, pois este, apesar de sua tentativa de superar a tradição metafísica, atribui a esta dimensão uma conotação decadente e, conseqüente, o entendimento da história do pensar ocidental, inclusive o seu questionar, para desvelar esta aporia, como inerente à mesma. Loewith, ao contrário, nega tal determinação referente à dimensão originária, ou segundo ele, tal posição mediativa, procurando assim, através de uma radical negação da história do pensar ocidental ou pelo menos da tradição judaico-cristã, alcançar uma origem que corresponda a uma dimensão **não-mediada**, a dimensão originária greco-romana que ele denomina de "physis" (natureza). (4) Isso significa duas coisas: primeiro Karl Loewith procura entender a dimensão originária de um modo mais direto, ou melhor, de uma maneira não-mediada, como já afirmamos anteriormente; segundo quando denomina sua filosofia como um pensar não-mediado, deseja fazer na verdade uma crítica fundamental à própria reflexão heideggeriana.

Foi o pensar de Karl Loewith assim tanto mais parcial com relação à história do pensamento ocidental, quanto mais procurou fugir para uma dimensão que deveria sobretudo lhe assegurar **confiança** e **estabilidade**, o sentido de todo questionar fundamental deveria ser portanto, segundo Loewith, meditar sobre esta dimensão originária como "physis". Em suma a dimensão originária como Karl Loewith teria julgado que os greco-romanos a apreenderam.

Com isto participa Loewith, apesar de todas as suas diferenças entre este e o pensar heideggeriano, da necessidade de uma nova interpretação do **tudo** da história do pensar ocidental. As censuras de tais interpretações, é claro que não se coadunam. Contudo esta posição loewitheana com relação à aporia aqui mencionada, leva-o pela necessidade de uma re-interpretação da história do pensamento ocidental, ou pelo menos, de uma parte desta, à uma proximidade altamente desconfortável em relação à filosofia de Martin Heidegger.

II) LOEWITH, HEIDEGGER E A QUESTÃO DA DIMENSÃO ORIGINÁRIA COMO TEMPORALIDADE, ISTO É, HISTORICIDADE. (5)

Na introdução anterior tentamos elaborar uma análise curta e o tanto quanto possível precisa, da controvérsia existente entre Karl Loewith e Martin Heidegger sobre a problemática da dimensão originária. Procuremos agora apresentar esta controvérsia de maneira mais detalhada, através da pequena, porém fundamental, obra loewitheana: "Heidegger — Denker in duerftiger Zeit". (6)

Nesse trabalho, assinala Loewith o seguinte: partindo em "Sein und Zeit" de uma análise da questão histórica da existência humana (des Daseins), procurara Martin Heidegger superar a filosofia transcendental de uma maneira existencial-fenomenológica para assim alcançar a dimensão originária em si mesma. Deste modo, pode-se afirmar que, segundo Loewith, o principal tema em "Sein und Zeit" seria a re-elaboração do conceito do existir humano em relação à dimensão originária, ou mais precisamente, a dimensão originária ficaria assim fundamentalmente relacionada com o problema **homem**.

E ainda mais, quando Heidegger se preocupara (die Sorge) em entender de um modo mais profundo esta dimensão originária na sua separata "Vom Wesen des Grundes", ela apareceria sempre em estreita relação com a maneira pela qual se situaria este **ser de existência** em meio à almejada dimensão. (7) Mais tarde com o que Heidegger chamaria de inversão (die Kehre), desde as suas obras "Vom Wesen der Wahrheit" e "Der Ursprung des Kunstwerkes", tentaria ele pensar o que seria a dimensão originária, a dimensão em si mesma. (8)

Em suma, Loewith tenta mostrar que Martin Heidegger procurou cada vez mais colocar a aporia da dimensão originária no **centro** do seu pensamento. Ele assinala, porém, ao mesmo tempo, que esta permaneceria sempre em meio da problemática da temporalidade, da historicidade, pois, desde o começo, segundo Loewith, nada mudou, ou melhor, a dimensão originária que antes era interpretada a partir da **temporalidade** ou da **historicidade** da nossa existência, seria posteriormente refletida a partir da **historicidade** em si. (9)

Seguindo-se com atenção o pensamento loewitheano, logo aparece sua verdadeira **intenção**. Karl Loewith não se interessa realmente pela **continuidade** heideggereana acima descrita, isto é, pela aporia do conceito de historicidade ou pelo **porquê** da continuidade existente através desta, no pensar heideggereano, e sim na realidade, por um outro tipo de "continuum", a saber: inicialmente, que a dimensão originária, como historicidade, teria sido simplesmente pressuposta e, em segundo lugar, que o pensamento heideggereano não oferecia outra alternativa, a não ser a de aceitar de maneira pura e simples esta definição, desde que Heidegger se decidiu, "a priori", de uma maneira irrefletida pela historicidade mesma.

Desta posição crítica, ou pelo menos assim julgada por Karl Loewith, surge então sua pergunta fundamental: como ficaria este apriorismo heideggereano se existisse alguma dimensão **além** de sua dimensão originária? Mais precisamente, se o infinito repetir da totalidade greco-romana é o fundamento de tudo, para onde deveria se dirigir então todo o nosso questionar fundamental? É, portanto, absolutamente necessário, afirma Loewith, que retornemos à dimensão originária como "physis".

Neste sentido, é interessante observar que Karl Loewith, apesar de todo o seu **criticismo** em relação a Martin Heidegger, assume o que ele chama de ingenuidade heideggereana no momento em que tenta nos mostrar que a definição da dimensão originária como historicidade teria sido, por uma simples lógica da alternativa, aprioristicamente determinada. Em suma, no momento em que Karl Loewith se recusou a aceitar a definição da dimensão originária como historicidade, porque esta teria sido simplesmente postulada, colocou-se, sem se aperceber, da mesma forma, ao lado dessa toda poderosa dimensão, a dimensão de "physis". Isto apesar de sua categórica afirmação de que esta não deveria e não poderia ser aceita através de um simples negar ou um simples afirmar a determinação da dimensão originária como historicidade (como teria sido o caso heideggereano, segundo Karl Loewith), mas de que esta dimensão, a dimensão originária como "physis", só pode e só deve existir a partir de uma análise fundamental que atinja realmente sua própria essência. (10). Assim sendo, tanto a hipotética pergunta (em que situação iria ficar a definição heideggereana sobre a dimensão originária se existisse uma dimensão anterior à mesma), como o postulado (é absolutamente necessário regressar ao infinito repetir da totalidade greco-romana), parecem se integrar em Loewith numa única afirmação.

Finalmente, talvez se deva dizer que, com esta afirmação, aspirava Karl Loewith fundamentar sua independência, independência principalmente em relação a Heidegger. Esta reivindicação, diríamos melhor, pretensão loewitheana, entre todos os discípulos de Martin Heidegger com relação à pergunta filosófica (a dimensão originária como a questão filosófica fundamental) assegura-lhe, hoje em dia, um lugar todo especial.

Se quiséssemos, entretanto, julgar Martin Heidegger exclusivamente através desta

interpretação, da interpretação loewitheana, ficaria um estudo sobre o mesmo bastante a desejar. Fundamentalmente, podemos e devemos afirmar que Karl Loewith não somente não se interessa pelas verdadeiras causas dos **diversos momentos** do pensar heideggeriano, como também não coloca em questão a fundamental importância do termo temporalidade, isto é, historicidade na filosofia de Martin Heidegger. Um aprofundamento sobre esta problemática seria, no entanto, da mais alta relevância.

III) Sobre a Questão da Dimensão Originária como Physiologia.

Karl Loewith, que se iniciou como pensador a partir de uma posição crítica em relação a Martin Heidegger, isto é, que a definição da dimensão originária heideggeriana teria sido simplesmente pressuposta, formulou sistematicamente, pela primeira vez, seu conceito de um infinito repetir, seu conceito da dimensão originária como **physiologia**, em sua obra "Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen." (11) Nesta obra, faz Loewith a seguinte advertência: o movimento nietzscheano da infinita repetição da eterna totalidade contém ainda um caráter epocal, pois no momento em que Nietzsche se colocou à frente do movimento anti-judaico-cristão do século XIX tentou repetir, sem se aperceber e de uma maneira mediada, a posição greco-romana. Este caráter histórico foi, porém, continua Karl Loewith, o motivo do fracasso nietzscheano, pois enquanto em Heráclito, o homem pré-socrático se **integrava** na lei cósmica da natureza (physis) — porque só a partir desta posição poderia este compreender sua própria existência — procurara Nietzsche a compreensão desta integração, isto é, o caminho para esta lei cósmica através de uma existência (posição) já tornada sem sentido e que na verdade resulta, da consciência do homem do século XIX, de que o Deus judaico-cristão estaria morto. (12)

Em suma, Nietzsche tentou repetir a posição greco-romana à frente de um movimento, do movimento anti-judaico-cristão do século XIX. Segundo Loewith, porém, pode existir uma antiga ou moderna physiologia, no entanto nunca uma antiga ou moderna "physis". Ou, segundo suas próprias palavras, a expressão "physis" correspondeu na verdade a "uma característica fundamental do mundo greco-romano, mas quem pode nos afirmar, sem mais nem menos, que nós não vivemos ainda em tal dimensão... pois não pressupõem ainda hoje todos os cientistas, os modernos biólogos, por exemplo... que o mundo natural possui uma ordem tão maravilhosamente racional e, que só por isso, o homem estando nela integrado, tem a possibilidade de aprendê-la? (13)

O grande erro nietzscheano teria sido, portanto, segundo Karl Loewith, o seguinte: no momento em que Friedrich Wilhelm Nietzsche tentou readquirir a posição greco-romana à frente do movimento histórico do século XIX, não retornou à posição da antiguidade clássica, mas deixou-se envolver pela aporia de uma determinada época, a época anti-judaico-cristã do século XIX. O fracasso de Nietzsche tornar-se-ia, como se tornou para Karl Loewith, desde então, um fato absolutamente irremediável. (14)

Apesar de tudo se pode afirmar que o grande respeito por parte de Karl Loewith em relação a Nietzsche é um fato consumado, ou segundo o próprio Loewith "se algum filósofo historicista, no auge dos tempos modernos, chegou a pensar tão profundamente... foi sem dúvida alguma Friedrich Wilhelm Nietzsche... quando procurou reintegrar o homem na eterna lei do mundo natural". (15) Mais precisamente, apesar do pensar atual não poder apreender desta filosofia, da filosofia de Friedrich Wilhelm Nietzsche, nenhum **resultado definitivo** pode no entanto compreender através da mesma, **determinadas questões fundamentais** em relação à problemática da dimensão originária surgidas com a afirmação de que o Deus judaico-cristão estaria morto. Esta posição, por assim dizer loewitheana, leva-nos porém a uma aporia fundamental. Por que seria esta tentativa por parte de Karl Loewith agora possível, quando em Nietzsche ela se revelou ou se apresentou como irrealizável e por isso conseqüentemente fracassou? Não apreende Loewith, tanto quanto Nietzsche a problemática judaico-cristã, ou melhor, a aporia da dimensão originária greco-romana através de uma controvérsia entre este e Martin Heidegger, recaindo portanto no mesmo fracasso epocal nietzscheano? Ou melhor, não experimenta Karl Loewith esta sua fundamental atitude em relação ao pensamento judaico-cristão também através de uma lógica da alternativa, através de uma fundamental

escolha entre um pensar e um não-pensar historial, e que se revela, segundo ele, como o **grande erro** heideggereano? Este, digamos, "quasi" ingenuo modo de filosofar em relação ao problema **dimensão originária** e **historicidade** em Martin Heidegger é que nos leva da maneira mais próxima possível ao verdadeiro **cerne** do pensar loewitheano. (16)

IV) A SUPERAÇÃO DA TRADIÇÃO JUDAÍCO-CRISTÃ COMO TENTATIVA DE ANULAR DEFINITIVAMENTE A HISTORICIDADE DO PENSAR OCIDENTAL

Pelo que já dissemos sistematicamente nos itens acima mencionados, a tese de Karl Loewith em relação à nossa problemática é a seguinte. O nosso pensar, tendo como fundamento o conceito de historicidade, temporalidade, não pode jamais alcançar a dimensão originária greco-romana, a dimensão da "physis". Esta tese tem como ponto de partida a premissa de que, vindo a historicidade da tradição judaico-cristã, não pode em hipótese alguma corresponder ou encontrar correspondência no pensamento greco-romano. Assim sendo, procura Karl Loewith em seu livro "Weltgeschichte und Heilsgeschehen", de uma maneira explícita, reconduzir as origens de tal aporia à tradição judaico-cristã, aspirando deste modo poder anulá-la definitivamente. (17) E correspondendo a isto, afirma Loewith nesta sua obra: "Certamente não foi nenhuma cultura pagã, mas a tradição judaico-cristã, que nos trouxe tal revolução. O ideal da ciência moderna de dominar a natureza e o ideal do progresso não aparecem nem no mundo clássico, no mundo greco-romano, nem no oriente, mas, na verdade, no Ocidente." (18) Se lermos com bastante atenção esta frase veremos que a mesma contém uma sub-intente, porém fundamental crítica a Martin Heidegger, pois ele sempre questionou essa tradição, a tradição do pensamento ocidental como **inerente** à dimensão originária, movendo-se assim, segundo Loewith, continuamente em meio ao pensar judaico-cristão, mesmo quando este achava que o seu pensar seria fundamentalmente pré-socrático. Na verdade, continua Loewith, permaneceu o pensamento heideggereano tão estritamente ligado à tradição judaico-cristã, que sera praticamente impossível, através do mesmo, alcançar a dimensão da "physis" assim como os antigos, os greco-romanos a entenderam.

E isto quer dizer: o interesse de Karl Loewith não era tanto re-pensar o porquê das fundamentais mudanças do pensar heideggereano mas, de fato, esclarecer que neste pensamento a definição heideggereana da dimensão originária como historicidade seria tido a sua origem numa parte da tradição do pensar ocidental, mais precisamente, na tradição do pensar judaico-cristão. (19)

Loewith que, desta maneira, se mostra tão seguro em relação ao pensar não-historial, não quer, em hipótese alguma, questionar a dimensão originária de um modo historial ou mediativo. Com isso, surge porém um problema fundamental que somos obrigados a colocar em questão. Como é possível que a dimensão originária apareça, ou mesmo possa ser questionada, quando qualquer possibilidade de mediação, qualquer historicidade, lhes é radicalmente negada?

Esta aporia será agora levada por nós em questão não em sua realização concreta, mas em sua possibilidade fundamental.

V) TRANSCENDÊNCIA E ALIENAÇÃO

Até o presente momento, tentamos abordar a aporia do pensamento loewitheano como uma problemática que se esforçando por anular o pensar judaico-cristão tenta questionar, de uma maneira direta, não-mediada, a dimensão originária greco-romana, a dimensão da "physis".

A partir de agora, no entanto, tentaremos colocar como questão fundamental a relação existente entre esta dimensão, a **dimensão da "physis"** e o **homem**.

Os estudos de Karl Loewith, que contribuíram de algum modo neste sentido, podem ser resumidos da seguinte maneira. Loewith afirma que, vindo tudo da dimensão originária, da "physis", inclusive o próprio homem como uma criatura pertencente à mesma, deveria também estar nela **inserida, integrada**. (20) O homem portanto seria para ele nada mais nada menos do que um simples ser que se encontraria ou se situaria em meio à natureza, conseqüentemente não somente pertencendo a esta, mas possuindo também imutáveis características naturais. (21) No entanto Loewith afirma, ao mesmo tempo, que o homem é, no meio desta dimensão originária como "physis", um paradoxo, isto é, biologicamente um **enigma** e cognitivamente um ser que se **supera**, pois o homem questiona o mundo e se coloca assim, ele mesmo, em questão. (22)

Neste sentido, dois momentos podem ser observados: como ser do mundo, pertence o homem fundamentalmente ao mesmo, mais precisamente, a este mundo natural; como um ser que o transcende (porque o questiona), ele é neste mundo um estranho enigma. O homem, como ser que se questiona, transcende deste modo o próprio mundo, mais precisamente, como um ser que coloca o mundo em questão, é ele ao mesmo tempo um **estranho** em relação a este, falando heidaggereamente, um ser de **distância**, ou segundo as palavras do próprio Karl Loewith, "que o mundo pudesse produzir tal ser é na verdade uma aporia tão enigmática como o paradoxo teológico, de que um Deus pudesse criar um ser que tivesse a liberdade de se colocar contra Este ou Deste se desviar." (23) Integrá-lo novamente no seio da dimensão originária como "physis", e assim resolver o problema do enigma **homem** parece ser, ao que tudo indica, também uma das principais metas loewitheanas.

Na verdade, não é fácil acompanhar o movimento do pensar loewitheano, pois se por um lado adquire o homem sua característica fundamental no momento em que coloca o mundo natural em questão, transcendendo-o, deste se alienando, por outro lado recoloca-o esta transcendência, esta alienação novamente no seio do mundo natural ao qual pertence.

O homem transcende deste modo o mundo natural ao qual pertence, e que ao mesmo tempo, no entanto, permanece impossível de ser ultrapassado. Ambos os momentos são da mais alta importância. Primeiro, porque esta transcendência aliena o homem do mundo natural, da dimensão da "physis"; segundo, porque ela mesma o remete de volta. E o que quer dizer isto? Acontece aqui uma ou duas transcendências? Mais precisamente, assim como o homem transcende o mundo natural, e set por sua vez o ultrapassa. Teríamos então ao todo duas ou três transcendências? Enigmas sobre enigmas, questões sobre questões...

VI) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já procuramos dizer anteriormente, o pensamento loewitheano parece se dividir com relação à problemática entre o homem e o mundo natural, no mínimo em dois momentos, embora Karl Loewith fundamentalmente fale de um só. De qualquer maneira, nossa interpretação se fundamenta em um importante trecho de Karl Loewith: "**O acaso** de todo existir humano se torna de fato um problema quando a fé na **providência divina** ou na sua forma secularizada de uma escatológica compreensão da dimensão originária não for realmente mais digna de confiança. Em suma, o enigma do acaso 'homem' não encontrará nunca uma solução enquanto o homem por si mesmo não se sentir integrado na infinita totalidade do eterno repetir da physis." (24) Através deste trecho somos levados portanto a supor que o acaso do **ser-homem**, de ser o que ele é em meio da natureza, da "physis", seria deste modo dependente pelo menos de dois movimentos. Primeiro, devido a um movimento alienatório em relação à natureza; segundo, que a solução do enigma homem, sua possibilidade de integrá-lo novamente de regresso ao mundo natural, só poderia ser alcançada através deste mesmo movimento de regresso ao mundo natural. Se Karl Loewith deseja porém de fato realizar esse como um todo através do chamado primeiro movimento, mas somente de um aspecto

da mesma. Assim, o homem se igualaria a um **viandante**, que dando alguns passos em uma paisagem, permaneceria, no entanto, pela mesma sempre envolvido. (25)

Foi este o pensar loewitheano, permaneceria o homem do princípio ao fim sempre envolvido por esta paisagem, sem jamais transcende-la, e conseqüentemente jamais seria um estranho à mesma. E isto significa que Karl Loewith procurava não somente reaver o significado de dimensão originária como "physis", mas também restaurar a **natural** importância do homem em seu contexto.

A respeito dessa problemática deve ser observado o seguinte: como é possível que o homem, que só pode se tornar aquilo que ele verdadeiramente é, segundo Loewith, através de um alienar-se, um distanciar-se do mundo natural, integrar-se novamente com o mesmo, quando esta integração só pode ser alcançada através da própria negação de si mesmo, ou melhor do ato que o faz, o que ele o é? Teríamos aqui realmente o que se poderia denominar de integração? É claro que estamos conscientes de que com isto o **problema** em relação ao homem como enigma desapareceria. Seria porém de "facto" uma solução para esta problemática?

NOTAS

(1) A importância de tal expressão vê-se claramente, por exemplo, na INTRODUÇÃO de sua obra "Weltgeschichte und Heilsgeschehen." Cf. neste sentido K. Loewith, *Einleitung*, em: *Weltgeschichte und Heilsgeschehen. Die theologischen Voraussetzungen der Geschichtsphilosophie*, Stuttgart, 5 (1967) esp. 12. Neste sentido deve ser observado que esta obra foi originalmente escrita em inglês e publicada pela primeira vez pela editora da Universidade de Chicago (1949) sob o título "Meaning in History".

Devemos frisar que nossa intenção no presente estudo, não será apresentar uma detalhada reflexão do pensar **loewitheano** ou das diversas análises feitas pelo mesmo sobre os mais diferentes pensadores, mas de fato, levantar sua questão fundamental: o esforço e a tentativa realizado por ele de regressar à dimensão originária greco-romana.

(2) Cf. a conferência realizada por Karl Loewith na Academia de Ciência de Heidelberg e publicada posteriormente pela Revista anual dessa Academia (1958/1959) 23. Cf. também H. G. Gadamer, *Karl Loewith zum 70. Geburtstag*, em: *Natur und Geschichte*. Stuttgart (1967) 456.

É aconselhável dizer aqui, que o nosso objetivo nesta introdução, não será apresentar uma detalhada análise das diferentes influências exercidas por Martin Heidegger sobre seu discípulo Karl Loewith. Nossa principal intenção neste estudo será, antes de mais nada, oferecer exclusivamente uma análise da posição loewitheana em relação ao seu problema fundamental: a aporia da dimensão originária a sua conseqüente controvérsia entre ambos.

(3) Cf. p. ex. K. Loewith, *Welt und Menschenwelt*, em: *Zur Kritik der geschichtlichen Existenz, Gesammelte Abhandlungen*, Stuttgart (1980) 235.

Apesar de partir de outra posição crítica em relação a esta problemática cp. também neste sentido o ensaio de J. Habermas "Karl Loewiths stoischer Rueckzug vom historischen Bewusstsein". Cf. J. Habermas, *Karl Loewiths stoischer Rueckzug vom historischen Bewusstsein*, em: *Theoria und Praxis. Sozialphilosophische Studien*, Darmstadt 2 (1967) 354.

(4) Neste sentido é necessário dizer que a tradução do termo grego "physis", em latim "nasci" na verdade caracterizou todo o período greco-romano em relação à dimensão originária, porém não na conotação dada por Karl Loewith; após o período pré-socrático o conceito "physis" adquiriu cada vez mais uma conotação que correspondeu cada vez menos ao respectivo período. A respeito disso tem Max Muller a seguinte

posição. Esta concepção loewitheana da dimensão originária como "physis" não corresponde na verdade ao conceito da dimensão última greco-romana como um todo, mas de fato, exclusivamente à experiência pré-socrática da mesma Cf. p. ex. M. Mueller, Erfahrung, Bewegung und Gegenwart, em: Erfahrung und Geschichte. Grundzuege einer Philosophie der Freiheit als transzendente Erfahrung (Sammlung schon zum Teil veroeffentlichter Schriften) Freiburg/Muenchen (1971) 48-49.

(5) O uso do termo temporalidade, historicidade, se fundamenta neste nosso estudo na tradução feita pela Prof. Dra. Maria do Carmo Tavares de Miranda da expressão heideggereana "Temporalitaet", "Geschichtli chkeit". Cf. neste sentido p. ex. Maria do Carmo Tavares de Miranda, Introduções e Anotações, em Martin Heidegger, da Experiência do Pensar, Porto Alegre (1969) 18. Isto quer dizer que, temporalidade, historicidade significa para M. Heidegger nada mais nada menos do que a própria definição da dimensão originária. Em suma, é determinar a dimensão originária como um "continuum" acontecer (Ersignis) que ao aparecer está sempre se ocultando. Neste sentido cf. p. ex. M. Heidegger, Zur Sache des Derkens, Tuebingen (1969) 20. Devemos acrescentar também que este aparecer não possui em hipótese alguma uma conotação relativista em relação a dimensão originária, mas que este sempre acontecer é sempre presença (An-wesen), portanto sendo sempre um constante permanecer.

(6) Cf. K. Loewith, Heidegger — Denker in duerftiger Zeit, Goettingen 3 (1965): Diversas outras observações sobre esta problemática podem ser encontradas em quase todos os escritos de Karl Loewith, mas que, no entanto, fluem para a mesma perspectiva.

(7) Cf. R. de Amorim Almeida. Natur und Geschichte — Zur Frage nach der urspruenglichen Dimension abendlaendischen Derkens vor dem Hintergrund der Auseinandersetzung zwischen Martin Heidegger und Karl Loewith, Meisenheim/Glan (1976) 132.

(8) Cf. M. Heidegger, Vom Wesen der Wahrheit, em: Wegmarken (Sammlung schon veroeffentlichter Kleiner Arbeiten), Frankfurt/Main (1967), assim como, Der Ursprung des Kunstwerkes, em: Holzwege, Frankfurt/Main (1963).

(9) Imutável permanece como sempre, afirma Loewith, a fé, a **esperança** na historicidade da dimensão originária que tudo rege e abrange. Isto é, porém, continua Karl Loewith, apesar da decisão heideggereana de ser no filosofar estritamente crítico, uma pura pressuposição do mesmo.

Loewith nega, portanto, que tal posição possa ser definida filosoficamente, pois, por ser a mesma meramente pressuposta, não restou ao pensar de Martin Heidegger outra alternativa a não ser de se identificar ou de se definir pela dimensão originária como historicidade, já que ele se tinha decidido aprioristicamente pela mesma.

(10) Seria aconselhável também afirmar que, segundo Loewith, a dimensão da "physis", que tudo abrange, rege e está sempre presente, como dissemos anteriormente, não significa ou não quer dizer simplesmente uma dimensão anti-historicista, mas exatamente o contrário, porque ela tudo abrange, rege e sempre está presente, deve fundamentar também a história (o pensar historicista) como parte desta totalidade.

(11) Cf. Karl Loewith, Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen, Stuttgart 2 (1956).

(12) Cf. p. ex. a respeito ibd., 123-124.

(13) K. Loewith, Wissen, Glauben und Skepsis, Goettingen 3 (1962) 76. Tradução do autor.

(14) Esta problemática pode ser também facilmente reconfirmada através, por exemplo, de duas outras obras de Karl Loewith. Cf. neste sentido K. Loewith, J. Burckhart —

Der Menech inmitten der Geschnichte, Stuttgart 2 (1966), assim como, Von Hegel zu Nietzsche. Der revolutioneare Bruch im Derken des 19. Jahrhunderts, Stuttgart 5 (1964).

(15) K. Loewith, Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen, Stuttgart 2 (1956) 95. Tradução do autor.

(16) A respeito desta problemática cp. o livro do autor, op. cit., esp. 138.

(17) Seria aconselhável lembrar aqui, que este esforço e tentativa de uma **radical negação** por parte de Karl Loewith da tradição judaico-cristã, **equivale**, em certo sentido, ao esforço e a tentativa Heideggereana de superar a tradição metafísica. A diferença, é claro, é que esta superação, apesar de seu nome, encontra fundamento na positiva intenção de que a metafísica, assim como sua conseqüente superaçã, são inerentes à dimensão originária, enquanto que a negação loewitheana em relação ao pensar judaico-cristão possui um efeito especialmente negativo.

(18) K. Loewith, Welgeschichte und Heilsgeschehen. Die Theologischen Voraussetzungen der Geschichtsphilosophie. Stuttgart 5 (1967) 185. Tradução do autor.

(19) Na verdade o pensamento judaico-cristão, e isto significa a historicidade no pensar, nunca poderia ter a aprovação loewitheana, porque este transcende o conhecimento natural, fundamentando-se, portanto, segundo Karl Loewith, na providência divina (no pensar escatológico), ou na sua forma secularizada (no pensar teleológico) de uma compreensão da dimensão originária.

(20) O pensar loewitheano representa atualmente uma das mais ousadas tentativas, não somente de re-integrar o homem na dimensão da "physis", como esta em relação a este. Significantes são, por exemplo, os seguintes títulos: "Mensch und Geschichte"; "Natur und Humanität des Menschen"; "Die Sprache als Vermittler von Mensch und Welt"; "Welt und Menschenwelt", em: K Loewith, Gasammelte Abhandlungen. Zur Kritik der geschichtlichen Existenz, Stuttgart (1960).

Jurgen Habermas afirma em relação à essa problemática também o seguinte. Cf. J. Habermas, op. cit., 361: "Loewith, in dieser Hinsicht gewiss der Empfindlichste, versucht die Integration des Menschen in Natur gleichwohl durch eine humanistische Verklärung der Natur selbst zu sichern."

(21) A respeito devemos assinalar que, se o pensamento de Karl Loewith, ou melhor, sua posição em relação a esta problemática fosse se esgotar nesta tese, poderíamos facilmente denominá-la de **naturalista**, porque seria o homem sem dúvida alguma reduzido, na verdade, a um simples fenômeno natural.

(22) Cf. p. ex. neste sentido K. Loewith, Natur und Humanität des Menschen, em: op. cit., 195.

(23) Ibid., 186. Tradução do autor.

(24) K. Loewith, Nietzsches Philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen, Stuttgart 2 (1956) 193. Tradução do autor.

(25) Cf. p. ex. S. Hosoya, Zwischen Natur und Geschichte — Eine unzulängliche Bemerkung zu K. Loewith, em: Natur und Geschichte. Karl Loewith zum 70. Geburtstag, Stuttgart (1967) 172.